

A HONRA DOS PRIZZI

Folha de S.Paulo, 15 de maio de 1986

O último filme de John Huston, “A Honra do Poderoso Prizzi” é uma caricatura do individualismo desenfreado e do oportunismo cínico que caracterizaram as sociedades contemporâneas. John Huston volta a seus melhores dias para nos apresentar uma imagem brutal do mundo. Ninguém presta neste filme. Não há heróis. Não há sequer o homem comum. São todos bandidos. São todos oportunistas. O único valor é o do próprio interesse. E o próprio interesse se traduz em dinheiro. A “honra” do Prizzi não é outra coisa senão a colocação dos interesses do indivíduo e da família acima de qualquer outro valor.

Ao terminar o filme uma primeira tentação é a de nos defendermos: “Mas o mundo real não é assim tão mau; esse é o mundo da Máfia, não é o nosso mundo”. E de fato as sociedades conseguem estabelecer um sistema de freios e contrapesos que impedem que o mundo seja exatamente assim.

Mas se o capitalismo liberal não é exatamente assim, é muito parecido. Porque o princípio básico do capitalismo é a defesa do próprio interesse. Os limites são apenas o mercado e a lei: o mercado, através da concorrência, refrearia automaticamente os excessos do poder econômico; a lei, definindo o comportamento criminoso, refrearia os demais abusos. O papel de cada indivíduo e de cada família, entretanto, de acordo com os princípios liberais, é defender seus próprios interesses. Se o mercado ou a lei não forem capazes — como de fato não são — de estabelecer os limites adequados para a ação individual, este não é um problema daqueles que foram beneficiados. Eles agiram de acordo com a norma básica do sistema de que o homem é — e deve ser — o lobo do homem, de que o oportunismo, a colocação dos interesses acima dos princípios, é a forma correta de agir.

A crítica dessa visão do mundo e dessa prática social há muito tempo vem sendo feita. As vezes de maneira idealista, como geralmente ocorre com os moralistas e os utópicos. Outras vezes de maneira mais objetiva e dialética. O homem é ao mesmo tempo o lobo do homem e o portador de valores morais imperativos. A justiça só poderá um dia ser alcançada se o sistema de freios e contrapesos existente na sociedade tiver como base uma maior igualdade entre os homens, entre os grupos, entre as classes, porque só assim os mais fracos poderão se defender dos poderosos. Mas também só será viável se houver, em cada mulher e em cada homem, a possibilidade da primazia dos princípios sobre os interesses, se o oportunismo não for uma regra a ser seguida, como afirma o individualismo liberal, ou um destino inescapável do homem, como pretendem os pessimistas que acreditam que o homem é sempre o lobo do homem, mas um vício a ser coibido e eventualmente vencido.

Essa possibilidade existe — e tanto existe que é exercida na prática. Na política, por exemplo, ao lado dos oportunistas de todos os tipos temos políticos que agem segundo princípios. Que não transigem em seus valores democráticos e sociais. Que não fazem concessões maiores à classe dominante para se manterem no poder. Que não mudam de partido e de convicção sempre que seu interesse aconselha.

Talvez políticos assim sejam exceção. E os poucos que existem são muitas vezes olhados com desprezo por aqueles para quem só tem valor o êxito político imediato, a manutenção do poder a qualquer preço. Nas outras profissões talvez também a repulsa ao oportunismo ainda seja exceção. Mas o fato é que essa repulsa existe. E que as sociedades, à medida em que se tornam mais democráticas e igualitárias, mostram-se mais capazes de punir o oportunismo dos que submetem tudo a seus próprios interesses.

Por isso o mundo cínico, amoral, dos poderosos Prizzi é um caso limite, uma caricatura. Mas uma caricatura que nos obriga a pensar porque corresponde a tendências e a princípios ideológicos básicos da sociedade em que vivemos.